

# AVALIAÇÃO DE AUTOMEDICAÇÃO PRATICADA POR ESTUDANTES DA ÁREA DE SAÚDE EM UMA FACULDADE PARTICULAR DA REGIÃO AMAZÔNICA

Daniella Paternostro de Araújo GRISÓLIA

GRISÓLIA Daniella Paternostro de Araújo. **Avaliação de automedicação praticada por estudantes da área de saúde em uma faculdade particular da região amazônica.** Projeto de investigação científica, do Curso de Farmácia – Centro Universitário Fíbra, Belém, 2019.

A automedicação é definida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) como a prática de ingerir medicamentos sem o acompanhamento ou aconselhamento de um profissional de saúde, uma ação simples e rápida de diminuir ou até mesmo acabar com doenças de baixa gravidade (BRASIL, 2011). Denomina-se automedicação responsável aquela em que o paciente faz uso do medicamento de modo correto sob orientações de um profissional da saúde capacitado, podendo representar economia ao indivíduo e ao sistema de saúde no modo geral, caso o contrário a este feito, o consumo de medicamento pode acarretar consequências severas. (SILVA & RODRIGUES, 2014). O modo como o indivíduo se

automedica ocorre de várias maneiras: indicação de medicamentos entre vizinhos e parentes após uma prescrição antiga, compra de medicamento sem receita e compartilhamento de sobras que ficaram guardadas em tratamentos anteriores (SILVA *et.al.*, 2019). Pode-se considerar também a propaganda em massa de medicamentos como uma grande influenciadora da prática em questão, entretanto é válido ressaltar outros motivos, como por exemplo, o péssimo serviço de saúde (LIMA & ALVIM, 2019). No Brasil, com base na Organização Mundial de Saúde (OMS) estima-se que são vendidos desordenadamente cerca de 32 mil medicamentos por ano. Estudos também mostraram que 76,4% dos brasileiros se automedicam e que os esses possuem o costume de elevar a dosagem das prescrições dos tratamentos impostos pelo médico com o intuito de obter o efeito terapêutico esperado em um espaço curto de tempo (JESUS *et.al.*, 2013; BARRETO, 2019). Portanto, por ser uma prática de difícil controle, fica a preocupação para as consequências deste ato, que vão desde o agravamento de doenças pelo mascaramento de sintomas até a casos de óbito por intoxicação, fato que ficou claro no estudo de Mazzili (2008), que enfatizou o despreparo da maioria da população para

exercer uma automedicação eficaz e segura. Diversos estudiosos demonstraram que essa prática é muito comum na população atual mediante a variedade de medicamentos existentes no mercado. Galato *et al.* (2012) declararam que 80% dos idosos se automedicam. Em uma análise da população geral, esse dado chega a 46%. O fato marcante enfatizado pelo autor foi o número alarmante dessa prática realizada por estudantes, que indicou valores superiores a 70%. Sabe-se que o período acadêmico é uma fase da vida de muitos jovens que envolve um misto de sentimentos, variando de momentos positivos pela busca em conquistar uma profissão até estresses da rotina mediante a extensas horas de estudo e preocupação constante com o futuro. Com isso, a automedicação é bastante utilizada por parte desses estudantes que recorre a esta prática como medida paliativa (OLIVEIRA *et al.* 2018). Alguns estudos que relatam acerca do assunto relativos a graduandos das ciências da saúde acreditam que esses, por possuírem sua formação acadêmica na área, estejam preparados para orientar sobre o uso racional de medicamentos bem como realizar a prática correta, entretanto, a literatura defende o exercício de implementar intervenções educativas sobre automedicação ainda na graduação, pois mesmo com a

rotina muitos ainda fracassam por fazerem o uso inadequado do fármaco (TOGNOLI *et.,al.* 2019). Mediante o exposto, vale destacar a importância do uso racional de medicamentos, que tem por objetivo visar aos benefícios dos medicamentos e minimizar os riscos decorrentes da sua utilização, reduzindo, assim, riscos ao paciente e custo da terapia (MOTA *etal.* 2008). Com a desativação da Central de Medicamentos em 1997, o Ministério da Saúde apresentou a Política Nacional de Medicamentos (PNM) no ano seguinte, aprovada a partir da Portaria n 3.916, cujo objetivo era garantir segurança, eficácia e qualidade dos medicamentos, promoção do uso racional e acesso da população àquelas classes que se definem como essenciais. Assim como o consumo de medicamento aumentou com o passar dos anos, com ele também ocorreu a crescente dos Problemas Relacionados ao Medicamento (PRM). Segundo Consenso de Granada, PRM é todo e qualquer evento indesejável que o paciente apresente, que envolva ou suspeita-se de estar diretamente relacionado com a farmacoterapia de escolha (JANEBRO *et al.* 2008). Mediante o exposto, problemas consequentes à automedicação podem variar de menos graves até reações adversas mais perigosas como no caso da intoxicação que,

dependendo do grau, pode ser letal. Com base nesse achado e com a preocupação acerca das consequências deste consumo inadequado, esta investigação teve por objetivo avaliar o perfil epidemiológico da automedicação praticada por estudantes da área da saúde em uma faculdade particular da Amazônia. Foi um estudo do tipo transversal descritivo. O universo amostral foi de 92 estudantes, de ambos os sexos. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário semiestruturado. Os participantes foram informados sobre a pesquisa e sua importância e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O questionário continha 17 questões sobre dados pessoais, socioeconômicos, acadêmicos (sexo, idade, curso e semestre, estado civil, renda familiar mensal e com quem vive) e sobre a prática da automedicação. Os critérios de inclusão utilizados foram: ser estudante matriculado em uma faculdade particular da Amazônia e ter idade igual ou superior a 18 anos. E os critérios de exclusão foram: não aceitaram a responder ao questionário. Para tabulação e análise dos dados foi utilizado o programa GRAPHPAD Prism (5.0), com nível de significância de 5%. A estatística descritiva dos dados foi utilizada para interpretar as respostas dos questionários e a

correlação de Pearson, para relacionar as variáveis e conhecimentos adquiridos nos respectivos cursos e relacionados à automedicação. Dentre os 92 entrevistados, 40 alunos (43,5%) apresentavam idade inferior a 20 anos; 66 (71,7%) eram do gênero feminino; 84 (91,3%) eram solteiros; 87 (94,6) possuíam renda mensal superior a 1 salário mínimo e 64 (69,6%) quitavam plano de saúde mensal. Além de traçar o perfil epidemiológico, foi possível observar algumas características relevantes entre os estudantes que agregam positivamente para com os objetivos propostos. Dentre as informações obtidas, destacam-se 62 alunos (67,40 %) que fazem uso de medicamentos sem prescrição médica, com a prevalência dessa prática para o sexo feminino (77,41%). Outros dados encontrados foi o conhecimento (95,65 %) e hábito da leitura da bula (77,17 %), que são fatores de fundamental importância para o estudo da automedicação, assim como a influência de propagandas, pois 59 estudantes (64,13 %) relataram não serem por elas influenciados. Em relação às formulações medicamentosas, observaram-se diferentes classes de medicamentos, com destaque para os analgésicos, antipiréticos, anti-inflamatórios e anti-histamínicos. Dentre os medicamentos, os mais consumidos

foram dipirona e paracetamol (63,04%). Quanto à compra de um medicamento, 65% dos entrevistados responderam que recorrem ao farmacêutico. Quando questionados sobre se confiavam nas orientações do farmacêutico, 92,39% responderam sim. Com relação aos sintomas que levam os estudantes a utilizarem os medicamentos sem prescrição médica, temos dor de cabeça, com 76% dos entrevistados. Também foi possível observar que cerca de 26% fazem uso de medicamento contínuo, como anticoncepcionais e controlados. A literatura evidencia dados que corroboram com este achado, no estudo entre universitários do norte do Paraná, em que os autores relataram que 87,4% dos estudantes utilizaram algum medicamento sem orientação médica, com a justificativa de que se automedicaram por motivo de apresentarem sintomas semelhantes a prescrições anteriores. O estudo de Barata e Batista (2010) apresentou resultados similares, que verificou que 92% dos acadêmicos declararam se automedicarem, e apontou que este feito ocorre pelo fato de o profissional da saúde, diante de uma enfermidade, tender a buscar ações imediatas para o restabelecimento do bem-estar físico e uma delas é por meio da medicação. A prevalência da automedicação no gênero feminino foi semelhante aos resultados de

Fachinello e colaboradores (2019). Albuquerque *et al.* (2015) justificam esse dado devido ao fato de a mulher possuir uma maior preocupação com cuidados e possuir peculiaridades relacionadas a sua saúde, como por exemplo no período menstrual, onde usos de analgésicos são considerados essenciais no combate de excessivas cólicas. Assim como ao fato de grande número de campanhas educativas e publicitárias lhe serem direcionadas, até mesmo pelos tradicionais papéis sociais atribuídos a este sexo, dentre eles o de prover a saúde da família. No que se diz respeito à faixa etária, ocorreu uma variação de 18 a 40 anos, entretanto houve predominância entre as idades de 18 a 25 anos, o que condiz com o trabalho apresentado por Silva e Rodrigues (2014), onde a faixa etária mais expressiva variou até os 25 (50,7%). Lima *et al.* (2017) apontaram que o motivo de essa maior ocorrência estar entre os jovens se deve ao fato de eles serem imediatistas, não possuírem o hábito de frequentar consultas médicas e utilizarem da tecnologia como seu principal aliado. Segundo Sousa e Sena (2017), o uso por conta própria de medicamentos independe de classe social e fatores econômicos, no entanto, mediante o que tem sido abordado na literatura, pessoas mais adeptas a informações são as

que mais fazem uso dessa prática, outro motivo pode ser explicado por conta de os medicamentos mais utilizados serem de baixo custo e de fácil acesso. Observa-se que a maioria dos estudantes apresenta uma renda mensal maior que um salário mínimo (94,57%) e possui plano de saúde (69,56%), o que confere com a opinião dos autores citados, entretanto este resultado diverge de Silva *et al.* (2013), que, em seu estudo realizado na população em geral, identificaram taxa de 66,63% de pessoas que realizam automedicação possuírem renda mensal menor que dois salários mínimos. Quanto aos fatores diretamente relacionados ao excessivo uso dos medicamentos, o crescimento das propagandas de medicação que visam a ofertar seus benefícios a partir da ilustração do alívio imediato de sintomas tem se mostrado um meio de influenciar as pessoas. Foi identificado que os estudantes não se mostraram serem influenciados por propagandas (64,13%), divergindo da pesquisa realizada por Torres (2016), que, em seu trabalho realizado com um grupo de 126 universitários, 54,76% disseram sofrer influência da propaganda de TV e 60% concordam que a presença de um artista na propaganda aumenta a credibilidade do produto. É importante destacar a relevância da atenção

farmacêutica, que visa a promover o uso racional de medicamentos, orientando e conscientizando sobre essa prática, além da leitura da bula, que é uma das principais fontes de informação acerca do uso correto de medicamentos. Foi possível observar que a maioria dos alunos possuem o conhecimento da importância da bula e dela fazem uso. Esse resultado é similar ao encontrado por Galato *et al.* (2012), que enfatizaram a prevalência da leitura da bula presente em estudantes da área da saúde quando comparados a outras áreas de formação. Observou-se que a classe medicamentosa mais consumida é a dos analgésicos, uma das explicações possíveis para tal fato é de que tais medicamentos são de venda livre, existindo certa facilidade em sua obtenção. No Brasil existe uma farmácia (ou drogaria) para cada 3.300 habitantes e o país está entre os dez que mais consomem medicamentos no mundo, segundo dados do Conselho Federal de Farmácia (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005). Os AINES são os medicamentos mais prescritos em todo o mundo. São utilizados principalmente no tratamento da inflamação, dor e edema, como também nas osteoartrites, artrite reumatoide e distúrbios músculo-esqueléticos (BATLOUNI, 2010). Nota-se que os AINES possuem um amplo espectro de ação

contra inflamações em geral, podendo assim explicar o fato de terem ocupado o segundo lugar dos medicamentos mais consumidos pelos estudantes do centro universitário. O acesso a farmácias e drogarias e a facilidade na aquisição de medicamentos no popularmente conhecido "balcão da farmácia" promovem um aumento no consumo de medicamentos pela maioria da população brasileira. De acordo com estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 50% dos usuários de medicamentos o fazem de forma incorreta (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005). Apesar de a maioria dos estudantes (71%) relatar conhecimento sobre as implicações negativas da automedicação, continuam com o consumo de medicamentos indiscriminado. Tal consumo é justificado pela busca de alívio imediato de dores, que por muitas vezes são de causas desconhecidas e que podem estar mascarando uma patologia mais grave. Diante no número elevado da prática da automedicação no grupo estudado, considera-se ser necessária a elaboração de projetos de educação em saúde dentro das universidades com o intuito de promover informações acerca dessa prática.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L.; FRANCO, R. C; SILVA, L. L;  
DANTAS, A. F; ALENCAR, J. L; SÁ, M. F. **Avaliando a automedicação em estudantes do curso de medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**. Revista acadêmica do centro de ciências médicas da Universidade Federal da Paraíba. v. 1 n. 1, jan/abr. 2015. Disponível em:  
<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rmp/article/view/18278>. Acesso em: 22 fev. 2020.

BARATA, D. M, BATISTA, J. L. S. **Prática da automedicação em acadêmicos iniciantes e formandos do curso de Fisioterapia da UNAMA**. Belém (PA): Universidade da Amazônia, 2010. Disponível em: <  
<https://docplayer.com.br/1299835-Pratica-da-automedicacao-em-academicos-iniciantes-e-formandos-do-curso-de-fisioterapia-da-unama.html> > Acesso em: 22 fev. 2020.

BARRETO, K. M. S. **Automedicação em estudantes de graduação em farmácia: Uma revisão narrativa**. Universidade Federal de Sergipe, Lagarto, trabalho de conclusão de curso, 2019. Disponível em:  
<[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12357/2/KAROLINE\\_MILENA\\_DA\\_SILVA\\_BARRETO.ppd](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12357/2/KAROLINE_MILENA_DA_SILVA_BARRETO.ppd)> Acesso em: 24 de fev. 2020.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária.** Consulta Pública nº 95, de 19 de novembro de 2001.

FACHINELLO, A. C. R; RODRIGUES, A. K. G; JUNIOR, A. G. B; BUENO, G, R; SILVA, H. M. A; SANTOS, I. M. P; MANFRO, M. B; PUTTIN, R. C. **Automedicação analgésica entre os acadêmicos do 3º e 8º período do curso de medicina em uma instituição de ensino superior de Porto Velho Rondônia.** Saber científico, Porto Velho, v.8, n 2, p.52-61, jun/dez, 2019.

GALATO, D; MADALENA, J; PEREIRA, G. B. **Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p. 3323-3330, Dec.2012.

JANEBRO, D. I; BELÉM L.F; TOMAZ A.C.A; PINTO D.S; XIMENES L.M.A. **Problemas Relacionados aos Medicamentos (PRM's) em Pacientes Pediátricos de um Hospital no Município de Campina Grande, Paraíba, Brasil.** Latin American Journal of Pharmacy - 27 (5) – 2008.

JESUS, A.P. G. A. S; YOSHIDA, N, C, P; FREITAS, J. G.A.P. **Prevalência da automedicação entre acadêmicos da farmácia, medicina, enfermagem e odontologia.** Estudos, Goiânia, v.40, n 2, p. 151-164, abri/jun. 2013.

LIMA, D. M.; SILVEIRA, J.S; VASCONCELOS, L. F;  
CAVALCANTE, M. G, CARVALHO, A. M. R. C. **Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza-Ce.** Revista Expressão Católica Saúde, v. 2, n. 1; Jan – Jun; 2017.

LIMA, M.M.; ALVIM, H. G. O. **Risco da automedicação.** Revista JRG de estudos acadêmicos- Ano II (2019), v.2, n 4 (jan/jun), 2019.

MAZZILLI, L. E N. **Urgência odontológica e prevalência da automedicação na população economicamente ativa de uma micro área da cidade de São Paulo.** 2008. São Paulo. 146p.Tese. Faculdade de Odontologia, Universidade de São Paulo.

MOTA, D.M; SILVA, M. G. C. S; SUDO, E. C. S; ORTUN, V. **Uso racional de medicamentos: Uma abordagem econômica para tomada de decisões.** Ciência & Saúde Coletiva, 13(Sup):589-601, 2008.

OLIVEIRA, M.M; CORAGE, N.L; OLIVEIRA, B.P; SILVA, L.G. **Automedicação em acadêmicos: uma revisão da literatura brasileira entre 2000 a 2017.** Revista Saúde e Pesquisa, v. 11, n. 3, p. 623-630, setembro/dezembro 2018 - ISSN 1983-1870 - e-ISSN 2176-9206.

SILVA, L. A. F.; RODRIGUES, A. M. S. **Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde.** Rev. Bras. Farm. v. 95, n. 3, 2014, p. 961 – 975. Disponível em: < <http://www.rbfarma.org.br/files/697--Automedicao-entre-estudantes-de-cursos-da-area-desaude.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

SILVA, J. A.; GOMES, A. L.; OLIVEIRA, J. P. S.; SASAKI, Y. A.; MAIA, B. T. B.; ABREU, B. M. **Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário.** Revista Brasileira de Clínica Médica, São Paulo, v. 1, n. 11, p.27-30, fev. 2013. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n1/a3385.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2020.

SILVA, P. V. C.; SALVANA, P. M.C; BRANDÃO, J. O. C. **Automedicação: Uma prática realizada pelos profissionais de saúde.** Universidade Tiradentes – PE, trabalho de conclusão de curso, 2019. Disponível em: <<https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/2797>>. Acesso em: 24 fev. 2020.

SOUSA, L.A; SENA, C.F.A. **Automedicação entre universitários dos cursos de graduação na área da saúde na fcv-sete lagoas: influência do conhecimento acadêmico.** Revista Brasileira de Ciências da Vida, Minas Gerais, v.5, n.1, 2017.